Zona de Contágio

Passando aqui, primeiro, para expressar minha enorme admiração pela infra-estrutura de trabalho (com base em uma tecnologia não proprietária) e o coletivo de reflexão que vocês conseguiram mobilizar nesses tempos tão difíceis. Aprendi muita coisa ouvindo as pessoas ali reunidas. Sobre as formas de solidariedade que estão sendo mobilizadas, às vezes em hibridação com ações do poder público, outras através de simples redes de ativistas. No circuito dos albergues, junto à população de rua em São Paulo, onde o sabão de coco começa a chegar, produto tão banal e tão necessário quando se vive a experiência da precariedade absoluta. (Poder tomar banho, mas também lavar roupa!) Auto-organização dos quilombos face ao coronavirus na periferia de Belo Horizonte. A campanha “libera o wi-fi” e as estratégias de compartilhamento do acesso à Internet no centro de São Paulo. A pequena agricultura familiar de corte agro-ecológico que prossegue produzindo os alimentos que podemos consumir com segurança. Populações indígenas que fecham o acesso a seus territórios para se proteger da pandemia, na evocação das contaminações destrutivas do passado. E tantas outras coisas que não registrei porque não consegui registrar tudo.

Na esteira dessa conversa.

Acho que gostaria de ouvir um pouco mais longamente, se possível, as pessoas que falaram sobre essas experiências. Ouvi-las de forma um pouco menos fragmentada. Parece-me que o Henrique formulou duas ideias como objetivo experimental para o laboratório – a articulação de diferentes níveis de ação e a convocação ou o interesse por novas práticas de vida. Ir então um pouco mais longe – talvez – em relação ao que foi dito.

A sugestão tem também a ver com minha perplexidade em relação ao momento que estamos vivendo. As coisas estão indo muito rápido. O vírus não nos colocou apenas diante da urgência da vida. Ele formulou também uma urgência de solidariedade, de cooperação, o esboço de outros modos de vida. Como falar em competição, prosperidade individual e suas teologias, austeridade nos tempos que correm? Há em curso uma revolução semântica, talvez provisória, não sabemos, mas de escala planetária.

Em todo caso, na esfera política, a força do governo Bolsonaro se esboroa sob o impacto dessa revolução semântica. O vírus é, para ele, um inimigo pessoal, que induz tudo o que ele mais detesta: a quarentena, que freia a atividade econômica e desorganiza as lógicas de controle do tempo; a renda emergencial, que obriga o Estado a olhar para os mais frágeis. Tudo que antes era impossível, torna-se agora possível. Assisti boquiaberta à entrevista de Monica de Bolle no Roda-Viva de segunda-feira: como uma economista liberal transforma-se em keynesiana na era COVID-19?

A tese dela é que a pandemia vai durar – e tudo indica que vai. Para os que querem ver emergir novas formas de vida, esse tem de ser um tempo de clarificação. A pós-pandemia envolverá lógicas em disputa. Algumas defensáveis e a defender: dar um estatuto permanente à renda emergencial, transformando-a em renda básica; reduzir altos salários de funcionários graduados e taxar os mais ricos são providências fundamentais, quase um consenso. Mas a orientação geral que já se imagina para a “retomada” não será menos insensata do que no passado: “criar empregos” e reaquecer o consumo, tocando obras é o que já propõe o programa Pró-Brasil. Nada sobre que modalidades de construção de uma nova vida econômica, sobre como gerir coletivamente atividades de sustentação da vida, nada sobre o que é viver bem, sobre o ar que respiramos, a comida que comemos, o modo de nos educarmos, os direitos da natureza e a sustentabilidade do planeta. E no entanto, ontem, na era pré-COVID-19, essas já eram questões em pauta.

Saber que não se está sozinho, ser acolhido e pensar junto: obrigada Henrique, obrigada Alana.